

Lockdown, Polícia e sobrevivência

Não há possibilidade de lockdown absoluto no Brasil. Pessoas precisam trabalhar e não há recursos e nem estrutura do Estado para aplicar, vigiar, impor e fiscalizar o cotidiano



Glauco Silva de Carvalho
24 de março de 2021

PHOTO PREMIUM/FOLHAPRESS



Operação da polícia em Campinas: cidade está sob toque de recolher por causa da covid

Em maio do ano passado (2020), já falávamos sobre esse mesmo assunto: lockdown. Como que um repeteco, voltamos ao mesmo tema. E, também, ao mesmo debate. No Brasil, o tempo passa e nós, como povo e como Nação, não conseguimos superar nossos problemas e óbices. Giramos ao redor de um eixo, enquanto a carruagem passa. Dizia eu aquele momento: [“quando este boletim estiver sendo difundido \(19/05/20\), já teremos mais de 16.000 mortos](#). Em exatos dois meses, saímos do zero para um dos mais altos patamares de difusão do coronavírus, bem como do seu índice de mortalidade. E a curva é ascendente. A insensatez, a estupidez, a ignorância e a obliteração do Exmo. Sr. Presidente da República Federativa do Brasil em muito contribui para o quadro mórbido e deplorável por que passa a Nação.” Agora, são quase 2.000% a mais do que no ano passado! É muita coisa.

Bem, não precisamos nem ressaltar que o quadro só piorou. Quando este boletim estiver sendo difundido, já teremos cerca de 300 mil mortes. Àquela época, em que pese minhas apreciações sobre o Presidente (insensatez, estupidez etc.), meu trato a ele ainda era respeitoso (Exmo. Sr.). Hoje, não tenho dúvida. Estamos diante de um psicopata assassino. Tenho absoluto desprezo e nojo por

alguém que poderia ao menos ter comprado 70 milhões de doses da Pfizer no ano passado e ter evitado o caos em que hoje estamos metidos. Ele não merece respeito e faz de sua insensatez e ignomínia o cotidiano de sua práxis política.

Pois bem, dez meses atrás, contei a história do Edilson Lourenço dos Santos, um baiano de 46 anos, que tem 50 irmãos (isso mesmo, você leu certo, cinquenta). Hoje vou contar a história de outro baiano, o Abinaldo Andrade, de 53 anos, empreiteiro. Ele veio para São Paulo há quase 30 anos. Homem sério, comprometido com o trabalho, correto, pai de família, responsável e movido por critérios éticos. Ele é o encarregado por uma obra aqui na zona norte de São Paulo. Lidera uma equipe de 10 ou mais homens. Quando a hipótese de novo lockdown surgiu, com a proposta de radicalização do processo de isolamento, ele não teve dúvidas: sugeriu a seu contratante que, se houvesse a adoção desse modelo de isolamento, ele, apesar de ter mulher, filha com problema de saúde e neto pequeno para sustentar, não hesitaria em morar na obra e tapar a frente com tapumes para continuar trabalhando. Não precisaria ir para casa e se submeter a eventuais blitz. Dormiria na obra, como já fizera tantas e tantas vezes anteriormente. Assim, o ganha-pão dele e dos demais trabalhadores estaria garantido.

Se em maio do ano passado eu tinha reticências acerca desta situação, o isolamento, hoje minhas dúvidas não existem. Não há possibilidade de lockdown absoluto no Brasil. Por três razões.

Em primeiro lugar, porque as pessoas precisam trabalhar. Elas não têm uma poupança, uma “gordura” para queimar em situações emergenciais. Nossa gente é pobre, trabalhadora e dedicada. Não há como sobreviver sem o trabalho digno de cada dia. Uma grande parcela da população recebe diária. Trabalhou, ganhou; não trabalhou, não ganhou. Simples assim. Nesse contexto, uma grande massa de trabalhadores e trabalhadoras, especialmente os mais pobres (e, portanto, mais vulneráveis), não têm outra alternativa a não ser a labuta do dia a dia. Não é outra a razão de, apesar do atual lockdown, o transporte público ainda continuar lotado. E não vai mudar.

A segunda razão é que o País quebra se “fizer” mais dinheiro. O descalabro do final do governo Lula, emendado pelos anos Dilma, levou à falência das contas públicas brasileiras. Teremos inflação e, com ela, mais empobrecimento. Ao contrário do que muitos pensam, caixa do governo não é um saco sem fundo. Temos um dólar apreciado por conta, em grande parte, da desconfiança internacional em relação ao Brasil. Isso também gera inflação. Ou seja, “fabricar” dinheiro indefinidamente só levará a mais mortes, não decorrência da pandemia, mas do descalabro econômico.

Por fim, o Estado brasileiro não tem estrutura para aplicar, vigiar, impor e fiscalizar o cotidiano das pessoas, o ir e vir, os deslocamentos, a abertura de comércio, os serviços diários. Afora o descrédito da população, não vejo como manter controle rígido sobre o fluxo de pessoas. A classe média não tem bem ideia do que são as periferias. No ano passado, em diversas regiões, pessoas se insurgiram contra o fechamento. Viaturas da PM tiveram que solicitar apoio de outras viaturas. No caso do serviço público municipal, tiveram que aguardar a vinda de viaturas da Polícia Militar para fazer valer as determinações estaduais e municipais. O aparelho do Estado, para o bem e para o mal (com certeza mais para o mal) é fluido nos grotões das grandes cidades. Em Guarulhos, cidade que estava sob meu comando (CPA/M-7), lá pelos idos de 2012/2013, determinadas áreas, como o Sítio do São Francisco e região leste da cidade, tinham cerca de quatro viaturas para policiar algo em torno de 250 mil habitantes! Certa feita, numa manifestação de perueiros, houve grande perseguição. De perueiros sobre as viaturas da PM. Isso mesmo! Tivemos que reunir viaturas de diversas áreas para reprimir os ilícitos praticados por tal categoria. A população não sabe as dificuldades pelos quais passam policiais que trabalham em áreas carentes da cidade. A lei, nem sempre, é a regra única e exclusiva a ser imposta. Nesse contexto, não fica difícil imaginar como impor tais regras de isolamento a uma população que já é sofrida e... quer trabalhar! Há conflito que, no limite, é de ordem moral.

Por fim, não deixo de atribuir, com quase exclusividade, a responsabilidade por esse descalabro ao presidente do Brasil. Não observou regras de distanciamento; não incentiva a população a se vacinar; não usa máscaras em seu dia a dia; entra em constante conflito com governadores e prefeitos, e não consegue agregar, a não ser seu séquito de seguidores. Bolsonaro desdenhou da doença. Não tomou providências de ordem sanitária para proteger a população e ainda incentivou a desordem civil. Colocou um general para ministro da saúde, que mais atrapalhou que ajudou. Prescreveu tratamentos que a medicina ainda não legitima ou comprova. Propagou uso de medicamentos que só são apropriados em algumas situações.

Ele trouxe o caos para o Brasil. Não sei se nosso pobre povo merecia isso. Mas o elegeu. Resta saber o que será o ano que vem. O povo ainda é soberano sobre seu destino. A ver os próximos capítulos.

Glauco Silva de Carvalho

Bacharel em Direito (USP), mestre e doutor em Ciência Política (USP). Coronel da reserva da PMESP, foi diretor de Polícia Comunitária e Direitos Humanos e Comandante do Policiamento na Cidade de São Paulo

